

LETRAMENTO DIGITAL: ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA

EDERALDO DIAS NAZARÉ

Graduação em Letras pela Universidade Bandeirante de São Paulo (2009); Especialista em Práticas em Alfabetização e Letramento pela Escola Superior de Administração (2016); Professor de Ensino Fundamental II - Língua Inglesa - na EMEF Eda Terezinha Chica Medeiros, Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I – Anos iniciais – na EMEF Jardim Paulo VI.



RESUMO

O objetivo do referente estudo é investigar a importância do uso da tecnologia na educação, estabelecendo ligação entre o papel social da escola e o advento tecnológico na sociedade contemporânea. Ainda, avaliar a necessidade do aprimoramento profissional do corpo docente nas inúmeras possibilidades do uso das ferramentas tecnológicas no rompimento com as aulas tradicionais, estimulando a aprendizagem e trazendo a oportunidade de potencializar as práticas sociais dos alunos, por meio da inclusão digital, e o desenvolvimento das habilidades da escrita e leitura no letramento digital.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Digital; Tecnologia; Gêneros Textuais; Escola

INTRODUÇÃO

O objetivo do referente estudo é discutir as práticas de letramento por meio do uso dos diversos gêneros textuais e ainda relacionar a inserção das novas tecnologias na efetivação da aprendizagem, uma vez que a tecnologia pode sim, no mundo contemporâneo impulsionar as relações escolares entre professor e aluno e conseqüentemente a prática educativa, por meio do letramento digital, à medida que a tecnologia se apresenta como um importante utensílio no contato com a informação e o mundo.

No texto Letramento como Prática Social:

A escrita e a leitura são consumidas, hoje, por todos, como forma de sobrevivência, com o objetivo de formação profissional, integração social, resolução de problemas cotidianos, condição de entender o mundo e suas tecnologias. (SOUSA, 2006, p.200).

A linguagem como meio de interação social, nos permite entrar em contato com o mundo, é por meio dela que a história é construída, no contado com os diversos letramentos que permitem ao ser social dividir e estabelecer relações. Na educação infantil o letramento, durante o processo de alfabetização, se dá quase sempre por meio da oralidade e de outras formas de manifestação linguística. Estudar o letramento na educação, inclusive o letramento digital, na alfabetização tec-

nológica, implica em refletir sobre o desenvolvimento da linguagem com seu propósito social e a vinculação do poder dado às habilidades de leitura e escrita na sociedade denominada cartorial.

GÊNEROS TEXTUAIS

Segundo Marcuschi (2003,) Gêneros textuais são definidos como “entidades- sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” Os gêneros sociais são textos relativamente fechados, isto é, textos construídos socialmente que possuem estruturas e conteúdos determinados. Quando se fala em letramento é essencial a análise da funcionalidade dos gêneros nos quais o discurso encontra materialidade. “A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase” Bechara (2001), a língua e a linguagem, a capacidade humana de se comunicar é intrinsecamente social e se manifesta no ato da comunicação. Portanto, os gêneros textuais como elementos constituintes do ato linguístico com suas especificidades estruturais, linguísticas e funcionalidade social, incitam a amplitude do letramento com função institucional. Receitas, bulas de remédios, bilhetes, cartas, reportagens são exemplos de alguns gêneros textuais, na forma de enunciados relativamente estáveis que despertam o contato como mundo, no uso social da leitura de textos autênticos, produzidos com finalidade sócio-histórica. Bakhtin aponta a força do gênero no uso da linguagem no âmbito de um determinado meio e ressalta sua importância numa cultura, para que a comunicabilidade seja garantida junto às comunidades futuras:

Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadore. (BAKHTIN, 1992, p.116)

Considerando a capacidade expressiva dos gêneros textuais e o letramento que possibilitam à medida que exercem papel social, é por meio da percepção e contato com um grande número de gêneros que será possível a intensificação da prática social no uso crítico da linguagem.

O HIPERTEXTO - TECNOLOGIA ESCRITA

A articulação da linguagem esta relacionada ao processo de comunicação múltiplo que estabelece a ligação entre formas e conteúdos inter-relacionados em diferentes plataformas. A transposição do texto que permeia mídias diferentes dinamiza a leitura e a relação que o leitor estabelece com o texto. O leitor interage e cria sua própria organização e busca investigativa na compreensão do significado textual.

O hipertexto possibilita a multicriação, o uso de inúmeras plataformas na relação hipertextual conduz a informação e traz expressividade e alcance ao conteúdo.

A partir de estudos sobre a formatação e estrutura textual na atualidade tem se como conhecimento que o texto não é simplesmente um amontoado de frases. Segundo Eco:

(...) um texto é produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do seu próprio mecanismo gerativo: gerar um texto significa atuar segundo uma estratégia que inclui as previsões de movimento do outro. Distingue-se de outros tipos de expressão por uma maior complexidade (...). Um texto pretende deixar ao leitor a iniciativa interpretativa. Um texto quer que alguém o ajude a funcionar. (ECO, 2002, p. 54-55)

Para além dos códigos linguísticos o texto é produtor de significados. Sua ação interpretativa depende de movimentos interpretativos que devem ser criados pelo leitor durante o ato de leitura. Martins (1993) aponta a leitura como “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato que se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano”.

Assim observa-se no meio digital os movimentos interpretativos que já são oferecidos ao leitor através do hipertexto. O termo hiper incorpora-se a organização da linguagem digital, a partir de estruturas não lineares de informação. A autora Santaella (2001) reflete que no meio digital “não há senão arquitetura hiper, visto que a informação estocada é sempre recuperada por cada usuário por caminhos alienares, cada um fazendo um percurso próprio dentro de um vasto labirinto de possibilidades.”.

O termo hipertexto remete a maneira de leitura e escrita. Sob o meio hiper o leitor atua de maneira própria, pois seleciona sua forma de leitura para chegar à interpretação a partir de seu próprio ponto de vista e não pela organização do outro.

Segundo Ferrari:

O hipertexto é caracterizado por uma forma de leitura não linear como um bloco de diferentes informações digitais interconectadas, que ao utilizar nós ou elos associativos (os chamados links), consegue moldar a rede hipertextual, permitindo que o leitor decida e avance sua leitura do modo que quiser. (FERRARI, 2004, p.42)

O texto impresso que estipula a narração linear possui uma ordem pré-estabelecida, ou seja, começo, meio e fim, unilateral. Sair desta formatação em um texto impresso pode influenciar em na perda de seu sentido real. No entanto, o hipertexto caracteriza-se pela forma de leitura realizada a partir de recurso hipermediático incorporado no texto, sendo esta as diversas formas de leitura: visual, escrita e oral.

Segundo Santaella:

A linguagem digital presente nas redes é a linguagem hipermediática que se constitui no hipertexto fundido a multimídia. Diferentemente da era de gutenberguiana da linguagem impressa, a hipermídia não incide apenas no modo de como se produz e reproduz a escrita (...) nela a escrita saltou do papel para a tela eletrônica. Em vez de um fluxo linear de texto e como é próprio da linguagem impressa do livro particularmente, o hipertexto quebra essa linearidade em unidade ou modulo de informação, consistindo em partes ou fragmentos de texto. (SANTAELLA, 2001, p.340).

A interatividade apresentada no hipertexto permite que o leitor estabeleça conexões, tendendo para uma descentralização do texto, ou seja, não existe um texto central ou mais importante e sim apenas a leitura que é importante para sua interpretação sobre o assunto.

A narrativa hipertextual propõe um novo modo de leitura e apresenta mudanças sob conceitos de autor e de leitor. Como apresentado por Santaella, ocorrem no meio digital uma nova modalidade de leitor, o leitor virtual:

Um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multi-seqüencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos etc. trata-se de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó enexo pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. Enfim, trata-se aí de um universo inteiramente novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa eterna de se tornar real a cada click do mouse. (SANTAELLA, 2001, p.215)

O texto passa a ter inúmeros formatos e variadas significações, bem como nova caracterização para leitor e autor, pois o processo de informação digital é híbrido.

A tecnologia digital, por meio da acessibilidade e do compartilhamento da informação e do conteúdo interativo, intensificou a integração entre os gêneros, dando origem ao denominado hipertexto. A narrativa através dos gêneros encontra no conteúdo hipermediático, poder de alcance. A hipermídia permite uma nova conceituação sobre a comunicação.

Ferrari ressalta que o hipertexto propicia um imaginário híbrido:

Capaz de sustentar uma relação flexível entre os interesses sociais das tradições da oralidade e da escrita [...] as narrativas digitais superam as limitações da tradição da oralidade e da escrita, pois não buscam sentido em isolar ou fragmentar o sentido do texto ou do discurso, mas ao contrário, em ampliar as redes de significações. (FERRARI, 2007, p.69)

Essa rede interconectada de dados e informações é própria da era digital e traz objetos de leitura que, sem dúvidas, requer uma atualização tecnológica e contato com novas formas de composição textual e organização da escrita.

A linguagem na comunicação mediada pelo computador oferecerá novos exemplos de uso da linguagem. A leitura não-linear com o uso do Hipertexto trará uma multiplicidade de letramentos. O leitor passará então, a ser o leitor do papel e o da tela, capaz de permear por uma multiplicidade de gêneros no meio virtual e impresso.

Essa dimensão de linguagem revela inventividade na construção escrita e dinamizada por meio do seu uso no computador. A prática da leitura se realizará cada vez mais no âmbito do exercício das práticas sociais.

A linguagem aqui concebida como processo de interação social permanente, utilizando-se de diferentes meios para que possa ser materializada, esta concepção torna o sujeito capaz de realizar ações, isto é, atuar sobre o seu ouvinte/leitor Travaglia (2009), numa relação dialógica de troca e compartilhamentos, constituindo a linguagem e sempre por ela constituído. Assim, os gêneros discursivos, incluindo os digitais, são revelados como elementos construtivos do processo discursivo Perfeito (2005).

Tal concepção da linguagem como processo de interação é defendida por Bakhtin, Volochinov (1992), que concebem a língua como o elemento que permite a interação verbal e social entre interlocutores, sendo assim, o sujeito é visto como agente social, estabelecendo relações de diálogo.

ências de vida e conhecimento.

Para tanto, o advento tecnológico e a interação instantânea por intermédio do hipertexto e das plataformas digitais de comunicação não somente ressignificaram os modos de interação como ampliaram sua abrangência, exigindo dos sujeitos o letramento digital e o desenvolvimento de competências interacionais que ultrapassam a linearidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola em seu papel social deve incorporar nos seus projetos, ações que viabilizem o uso das novas tecnologias na efetivação da aprendizagem, a fim de preparar o indivíduo para as exigências do mundo contemporâneo. A educação acontece em meio à relação humana, logo ainda que a tecnologia desempenhe importante papel na aprendizagem, jamais substituirá o planejamento e efetivação na atividade humana que é educar.

Não se pode desvincular a educação da tecnologia, uma vez que ambas traduzem necessidades sociais vigentes e apontam oportunidades na mobilidade social e ascensão do indivíduo.

A inclusão digital no aprimoramento da leitura e escrita e desenvolvimento de habilidades no mundo digital permitem maior acessibilidade social, no tocante à utilização das ferramentas na construção do conhecimento e exercício das práticas sociais.

Projetos envoltos na aliança entre escola e tecnologia podem impulsionar a aprendizagem e minimizar o risco do fracasso escolar, uma vez que estimulam o interesse e participação dos alunos na era digital, em que a imagem, a velocidade da informação e o ilimitado ciberespaço encontram força.

O letramento digital, na apropriação da tecnologia e o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio virtual incluem os alunos na sociedade tecnológica, por meio de suas possibilidades pedagógicas, e permitem a constante formação autônoma e preparação para a já iniciada convergência digital, já que “as escolas virtuais serão uma realidade, por uma questão de tempo, espaço, abrangência e custo” Coscarelli, Ribeiro (2011).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Comunicação Verbal**. 6 ed. – WMF Martins Fontes, 2011

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. Lei nº 9.394/96

COSCARELLI, Carla, RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3 ed – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

Dicionário Houaiss, 2004.

ECO, Humberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2002

FERRARI, Pollyana. **Hipertexto, Hiperímídia**. São Paulo: Contexto, 2004

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana (1985). **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana M. Linchestein et al. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 5 ed – São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5 ed. revista e ampliada. Goiânia: Alternativa, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fenômenos da Linguagem**. 1 Ed – São Paulo: Lucerna, 2007

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERFEITO, Alba Maria. **Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa**. In: **Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa (Formação de professores EAD 18)**. vol. 1. Maringá: EDUEM, 2005. p. 27-75.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001. 432 p.

SANTAELLA, Lúcia. **“Potencias e desafios da sociedade informacional”** - Disponível em www.icml.org/program/public/documents/salvadorsantaella-141204.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e Letramento**. 1 ed – Contexto, 2003

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. **Gênero discursivo mediacional da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica**. 2006. 257 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009

VAL, Maria G. C. **O que é ser alfabetizado e letrado?** In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Rosa H. (org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.